



UMA PAIZAGEM DO PUNJAB.

C. M. L.  
GABINETE  
DE ESTUDOS  
OLISIPIENSES

## UMA PAIZAGEM DO PUNJÁB.

Este extenso territorio fica ao noroeste da India ingleza ; e a gravura que hoje apresentamos, que é um ponto de vista sobre um dos seis rios que atravessam este paiz — o Ravee — dá um a idea do seu variado panorama.

Este rio Ravee nasce em Kulu no declive d'uma montanha, por nome Bungall, a pequena distancia a oeste do Passo de Rotang. Eis como Thornton falla a tal respeito no seu muito estimavel *Diccionario geographico da India*.

« A distancia de quarenta milhas do seu manancial, em direcção sudoeste, o Ravee se reúne aos seus confluente o Nye, e o Boodhill, tendo este ultimo sua origem n'um lago chamado Mune-Muhées, que a superstição dos indios reputa sagrado. Cuning, que o observou a quatro ou cinco milhas distante de Burmawur, na elevação de uns sete mil pés, achou que media n'esse local cento e dezesseis pés de largura. Em Chamba, que fica vinte milhas mais abaixo, a sudoeste, d'este logar, ou cem milhas distante do seu manancial, é atravessado por uma ponte, e Forster diz que a largura do Ravee n'este ponto é de quarenta a cinquenta jardas, sendo vadeavel na maior parte do anno. Em Bisuli, que fica a mais umas vinte e cinco milhas na direcção oeste da foz, segundo o mesmo autor o rio vae no começo de Abril na largura de cento e vinte jardas, levando as aguas tão rapidas que não dão vau. A assérção de Vigne's é menos explicita : — « por duas vezes o passei ; uma durante a estação chuvosa, quando vae muito cheio e caudaloso ; outra tambem no inverno quando a torrente era mais tranquilla. Tanto n'uma como n'outra os naturaes do paiz o atravessaram em coiros de bufalo. A sua largura era então de umas oitenta jardas. »

« De Bisuli, na latitude de trinta e dois graus, e trinta e quatro minutos, e na longitude de setenta e cinco graus, e quarenta e oito minutos, o Ravee toma a direcção sudoeste ; e n'esta segue de ordinario pelo restante do seu curso. Macartney achou que o rio se podia atravessar em jangada, no sitio chamado Meanee, caminho de Amritsir para Vazeerabad, a umas cento oitenta e cinco milhas do seu nascimento, levando no principio de Agosto, e no tempo da sua agua mais viva, a largura de quinhentas e treze jardas, e a profundidade de doze pés. No mais profundo d'este canal achou ser a largura de trinta pés : no resto variava de tres a cinco pés. Na estação fria, quando leva menos agua, nunca mede mais de quatro pés de profundidade.

« Moorcroft descreve-o em Lahore, umas vinte milhas mais abaixo na direcção para a sua foz, e ahí o dá dividido em tres ramaes ou correntes. Diz que estas se separam em tempo secco, coisa de meia milha umas das outras ; mas na estação chuvosa os dois ramaes que ficam mais para leste, reúnem-se, e formam uma corrente mui rapida. Os dois primeiros ramaes são vadea-

veis ; mas o terceiro, que é o principal, tem uma barca para se atravessar.

« Burnes, que navegou o rio Ravee na sua confluyente com o Chenaub até Laliore, diz que n'esse ponto é mui pequeno, e que se assimilha a um canal, excedendo poucas vezes a sua largura a cento e cinquenta jardas em qualquer sitio d'este curso. Vae por ahí muito precipitado, e antes de começar a trasbordar-se em zigzags offerece á navegação immensos obstáculos, a ponto de se consumirem ás vezes doze horas em doze milhas de transito. A agua do Ravee é mais vermelha do que a do Chenaub. No periodo de oito mezes é o rio navegavel na mór parte da sua largura.

« De Lahore o seu curso para sudoeste, medindo segundo a melhor direcção da corrente para a confluncia com o Chenaub, é de perto de duzentas milhas ; mas comprehendendo-se tambem todas as sinuosidades que faz, é então de trezentas e oitenta milhas. »

## EXPEDIÇÃO DE VASCO DA GAMA.

Informado D. João II por um embaixador do rei de Benin, que na costa d'Africa, a cento e cinquenta leguas do seu paiz, reinava um poderoso monarcha, do qual seu soberano era tributario, julgou que esse podia ser um a quem chamavam o Preste João, e enviou por terra a Pedro de Covilhã, e Affonso de Paiva para tomarem noticia não só d'este potentado, como tambem da situação da India.

Os enviados seguiram caminho do Grã-Cairo, e chegando a Tor, que fica na costa da Arabia, ahí se separaram, embarcando-se Covilhã para a India, e Paiva para a Ethyopia, depois de terem accordado reunir-se em praso fixo, no Grã-Cairo. O primeiro foi por Cananor, Calicut e Goa ; tocou em Sofala, na Africa, e voltou ao Cairo, passando por Aden, assentada na emboadura do mar Roxo. Ahí soube da morte do companheiro, e enviou ao rei a relação da viagem por um judeu que embarcava para Portugal. Acompanhado de outro judeu metteu-se n'um navio que carregava para Ormuz, d'onde passou á Ethyopia, e foi recebido com famosa hospitalidade, não lhe sendo comtudo permittido regressar á Europa.

No entanto que por terra se buscava assim levar a cabo os intentos de el-rei D. João, mandava o monarcha por mar tres embarcações, sob o commando de Bartholomeu Dias. Velejaram cento e cinquenta leguas mais além do que então era conhecido nas costas de Africa ; descobriram montanhas a que pozeram o nome de Serra parda ; passaram a bahia dos Vaqueiros, denominada assim pelos numerosos rebanhos que viram n'aquellas praias ; tocaram na ilha de Santa Cruz ; entraram o rio da Infanta, e chegaram por fim ao cabo que appellidaram Tormentoso,

ou das Tormentas, nome que el-rei depois lhe trocou no de Boa-Esperança, por confiar descobrir as Indias por esta via.

O monarcha finou-se sem ver realisado este pensamento. D. Manuel, seu successor, não se descuidou de animar o commercio, e seguir o mesmo plano de navegação. Depois de regularisar os negocios interiores do reino, ordenou que se armassem quatro naus, tripuladas com cento e oitenta homens, e mandou-as em demanda de descobertas. O commando d'ellas entregou-o a Vasco da Gama; e nomeou por capitães das outras tres a Paulo da Gama, irmão de Vasco; Nicolau Coelho, e a Gonçalo Nunes.

Gama, e os seus capitães deram a vela a 3 de Julho de 1497. Passaram pelas Canarias, e tocaram na ilha de S. Thiago. Por dois a tres mezes foram consecutivamente assaltados de temporaes; e por fim descobriram terra, onde lançaram âncora em espaçosa bahia, com esperança de fazer aguada, que d'esta falta padecia muito a equipagem. Na descoberta que ahi se fez, encontrou-se um rio, cujas margens eram sombreadas de espessa verdura, e n'esse rio entrou a armada para se refazer de agua e combustivel.

O almirante, desejoso de conhecer a natureza e costumes dos habitantes do paiz, ordenou a sua gente que apprehendesse alguns naturaes. Viu-se que eram verdadeiros negros pela côr, espessura dos labios, e crespo dos cabellos; mas não se lhes pôde entender a linguagem, apesar de muitos dos portuguezes que se achavam a bordo estarem familiarisados com as linguas dos habitantes da costa de Guiné.

Gama tratou-os com todos os signaes de amizade, fazendo-lhes presente de vestuario, campainhas, espelhos, braceletes, e outras prendas, de que se mostraram mui contentes; e em signal de reconhecimento lhe trouxeram elles toda a casta de viveres em que o paiz abundava.

Tão excellente harmonia não foi, porém, de longa duração. Um dos nossos que tinha desembarcado, desejoso de visitar as habitações dos naturaes, foi d'elles acolhido com grande hospitalidade; e para o regalarem mataram um bezerro marinho. O estomago do portuguez não se deu bem com aquella iguaria, e achando-se incommodado, retirou-se com signaes de repugnancia. Longe os seus hospedes de se opporem, vieram acompanhá-lo até a praia; mas suspeitando o nosso algum mau designio, apenas das embarcações o poderam ouvir, começou em alta grita a bradar por soccorro. Accorreram alguns; e os negros, assustados, fugiram para os bosques.

Reputando então os europeus como inimigos declarados, lançaram mão das armas, que eram frechas compridas, com ponta cornea aguçada, as quaes lançavam com muita destreza, e cuja ferida era mortal. Assim armados saíram dos bosques, e caíram sobre Gama, e varios dos seus officiaes, occupados em terra a medir a altura do sol. Com tamanho impeto atacaram, que

os nossos foram forçados a retirada, vindo Gama ferido n'um pe.

Depois d'esta ruptura, fizeram-se de vela, dando o nome de Santa Helena a bahia, e de S. Thiago ao rio, por serem taes descobertas feitas nos dias em que a egreja reza d'estes santos. Entre a bahia e o cabo soffreram violentas tempestades; e tão frio se volveu o tempo, e compridas as noites, que, desanimada a equipagem, cercaram Gama, e com instancias o rogaram para voltar a Portugal, pois que da viagem só poderiam surgir males, que os perdessem a todos. O almirante teve de empregar a sua coragem e ardil para lhes acalmar os receios, resistir ás sollicitações, e manter a autoridade. Vendo que não se dobrava, e resolutivo avançava no projecto porque embarcara, conspiraram contra a sua vida. Paulo descobriu a trama, e Gama foi attento e vigilante em prevenir os effeitos da conjuração. Os chefes foram postos a ferros, e como os pilotos eram do numero dos amotinados, o almirante e os officiaes viram-se forçados a desempenhar aquellas funcções.

Abonanzando o tempo, e sendo favoravel a monção, dobraram por fim o cabo a 20 de Novembro. A alegria succedeu á tristeza, e julgou-se que mais nenhum obstaculo d'ali em diante viria oppor-se á viagem. Costearam as praias, gosando o encantador panorama de um agradável paiz, cortado de bosques e planicies, coberto de rebanhos, e bem povoado de negros, semelhantes na côr, nas feições, e no talhe, aos de Santa Helena. A lingua, porém, differia.

Percorrendo Gama setenta e tres leguas ao norte do cabo foi surgir a outra bahia, que denominou angra de S. Braz, onde encontrou uma ilha, que abordou para fazer aguada. O paiz circunstante era mui fertil; e ahi viram grande quantidade de elephantes e bois, de que os naturaes se serviam em lugar de cavallo. Tambem encontraram grande numero de bezorros marinhos, mui ferozes; e muitas aves.

Feita a aguada, deu a esquadra a vela, e a 8 de Dezembro novo temporal a accommetteu; tão violento, que a dispersou, e consternou as equipagens. Amainada ella, ganharam de novo a costa, e Gama resolveu não se afastar muito d'ella, por ignorar o modo de navegar n'aquelles mares. A 10 de Janeiro de 1498, tendo percorrido cerca de duzentas e trinta milhas desde o sitio onde haviam feito aguada, descobriram pequenas ilhas, mui agradaveis á vista, alinhadas de corpulentas arvores, com prados cobertos de verde alfombra, onde pastavam muitos rebanhos, passeando tranquillamente pela praia os naturaes, que eram tambem negros. O almirante ancorou n'esta costa, e mandou a terra um dos seus homens, bem versado na lingua dos pretos, a apresentar seus respetos ao rei. Foi recebido politicamente, e despedido com presentes de fructas do paiz. Eram estes povos mais civilisados de que todos até então encontrados; traziam braceletes ou manilhas de oiro nos bra-

cos, capacetes de cobre na cabeça, espadas á cinta, com guardas de estanho, e bainhas de marfim primorosamente lavradas. Havia na esquadra dez malfeteiros condemnados á morte, aos quaes se commutara a pena, sob condição de fazerem esta viagem. Gama deixou dois na praia d'este rio, que appellidou S. Raphael, afim de se instruirem da natureza e costumes do paiz, com promessa de os buscar quando por ali voltasse.

A 15 de Janeiro chegaram á foz de um rio mui largo, cujas margens, alcatifadas de verdura, eram sombreadas por formosas arvores carregadas de fructos. N'essa manhã Gama ancorou n'este sitio, e os naturaes vieram a bordo, depois do meio dia, em pequenos barcos, sem o mais pequeno indicio de receio ou temor. Receberam-n'os mui bem; mas não se lhes entendeu a linguagem. Quatro dias depois vieram quatro dos seus chefes apresentar ao almirante seus respeitos; foram tratados primorosamente, e brindados com peças de seda, o que lhes causou grande alvoroço. Um d'elles, que fallava imperfeitamente a lingua arabe, disse que havia poucos dias chegara de um paiz ali proximo, onde vira embarcações eguaes ás nossas; o que muito animou a coragem dos navegantes, na esperança de gosarem prestes os thesouros da India. Nas praias d'este rio, que se baptisou com o nome de Bons-Signaes, se levantou um padrão de pedra com as armas d'el-rei D. Manuel, tendo sobreposta uma cruz. De Lisboa tinham os nautas levado padrões eguaes, para irem marcando as nossas descobertas.

Calafetados os navios, e refrescada a gente, deu-se á vela a 24 de Fevereiro, e no 1.º de Março descobriram-se quatro ilhas, pouco distantes umas das outras. Junto d'uma d'ellas estavam quatro embarcações, com as velas desferradas; cercando outra, que pelo pavilhão mostrava ser a almirante. Apenas os que as tripulavam julgaram que podiam ser ouvidos, levantaram aclamações, saudando os nossos marinheiros em lingua arabe; e quando mais proximo fomos, tocaram instrumentos, e com grandes brados de alegria felicitaram o almirante pela chegada áquellas paragens. Eram homens de tez bronzeada, bem feitos, vestidos elegantemente com fatos de seda, tendo na cabeça turbantes de fina tela com broches de ouro, pendendo-lhes punhaes da cinta, e escudos sobre a armadura. Recebidos a bordo pelos nossos, que lhes entendiam a lingua, ordenou o almirante que lhes servissem uma collação. Em quanto comiam, foram perguntados sobre o nome d'esta ilha, usos e costumes dos seus habitantes, e de quanto d'ali distaria a India. Responderam que a ilha se chamava Moçambique, pertencia ao rei de Quiloa, e era regida por um governador de sua nomeação. Acrescentaram que grande parte d'ella era habitada por mercadores arabes, que traficavam por mar com a Arabia, India e outras partes do mundo. Disseram tambem que os

nossos haviam passado por Sofala, abundante em ouro; e finalmente informaram sobre a distancia de Moçambique a Calicut; de modo que a nossa gente rendeu graças a Deus por ver proximo o termo da viagem.

Moçambique está assentada na parte d'Africa, a que antigamente se deu o nome de Agesimba. O paiz é doentio pelo grande numero de pantanos, e habitado por negros vivendo em grutas cobertas de colmo. Apesar d'isso, navios de todas as nações ahi concorriam, pela commodidade do trafico, se bem que as riquezas e poderio da ilha estavam concentradas na mão dos arabes, que se serviam de pequenas galeras, cavilhadas com madeira em vez de metal, e calafetadas com folhas de palmeira. Esta arvore cresce n'aquellas regiões até grande altura, cobre-se de compridas folhas aguçadas, formando com os seus ramos apraziveis sombras, e dando por fructo as nozes a que chamam cocos.

Estes arabes usavam de bons instrumentos nauticos, e andavam munidos de cartas maritimas bastante exactas. Conversaram mui familiarmente com os nossos marinheiros, aos quaes tomaram por mahometanos de Barberia; e depois de receberem testemunhos da generosidade do almirante, encarregaram-se de apresentar da parte d'este ao governador os presentes que lhe enviava. Este homem ficou tão satisfeito com os presentes do Gama, que resolveu ir fazer-lhe uma visita a bordo, e assim lh'o mandou communicar. O almirante fez pegar em armas a sua tripulação; e foi recebê-lo, ricamente vestido de fatos bordados, com uma bella espada guarnecida de diamantes, e acompanhado de muita gente de armas, com tambores e fanfarras. Acabadas as reciprocas saudações, o governador e seu sequito foram mui bem tratados por Gama, com quem conversou amigavelmente. Entre outras perguntas feitas por aquelle, foi uma se eram turcos, ou moiros; de que armas se serviam na guerra, e se tinham livros da religião de Mahomet. O almirante respondeu-lhe que vinha do occidente; que além das armas que via na sua gente, tinha outras de admiravel força, não só capazes de destruir exercitos inteiros, mas de derubar tambem as mais fortes cidadellas. Acrescentou que ia em demanda da India, e pediu-lhe pilotos em quem podesse confiar.

Foi deferida esta petição com alegria, porque no dia seguinte voltou com dois pilotos, que por certa quantia se encarregaram de marear as naus até Calicut. Até então não houvera senão bons officios entre os portuguezes, e insulares; porém a harmonia durou pouco. Apenas o governador soube que os recémchegados eram christãos, toda a amizade trocou em odio, e principiou a traça para perder o Gama. Foram os portuguezes insultados pela populaça; a vida do almirante correu perigo, que felizmente teve a ventura de descobrir. Um dos pilotos fugiu, e alguns dos nossos, que tinham ido por fazer aguada e cortar lenha, foram atacados por sete embarcações

Perderiam a vida se em seu soccorro não fossem outras barcas, e se não se disparasse a artilharia, que poz em consternação e fuga os aggressores.

Conhecendo o almirante que já lhe não era possível permanecer ahi mais tempo com segurança, foi para outra ilha, a distancia de quatro milhas, d'onde se fez á vela para Quiloa; mas tendo-o obrigado a retroceder não só ventos contrarios, como tempestades, foi instado por um arabe a recolhel-o a bordo, e mais a um filho que comsigo levava, lançando-os depois n'algum porto commodo, d'onde podessem dirigir-se a Meca, patria sua. Gama recebeu alegremente este homem, que reconheceu por habillissimo piloto; e tendo seu irmão Paulo, no tumulto de Moçambique, apprehendido outro tamem mui habil em navegação, apenas o tempo mainou, se fizeram de vela com tres embarcações, porque a outra, dos mantimentos, fôra descarregada e destruida, visto o mau estado em que estava. Eram intentos ganhar Quiloa; comtudo não foram lá, ou por erro de navegação, ou por fraude do piloto de Moçambique, que aconselhou o Gama a ir antes a Mombaça, certificando-o de que esta cidade, na sua maioria era habitada por christãos, e propria a todos os respeitos para receber as naus, e refrescar a equipagem. Resolveu-se o almirante a seguir tal conselho, e tanto mais, que as provisões escasseavam, muita gente lhe havia já morrido, e a que restava ou ia malata, ou muito trabalhada pelos perigos do mar.

Continua.

F. D. D'A. E ARAUJO

### INDIA PORTUGUEZA.

N'esta epoca em que apparece mui pronunciada disposição para estudos historicos, e se vae comprehendendo a utilidade pratica d'elles, para se chegar mais facilmente ao melhor regimen da sociedade, evitando os perigos que a experiencia do passado assignala; pode por certo ser de grande prestimo a execução do pensamento do nosso illustrado e infatigavel amigo Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, actual benemerito secretario do governo geral da India, de continuar a escrever a historia d'aquelle estado, em continuação ás *Decadas da Asia* de João de Barros, e Diogo do Couto.

O governo portuguez parece estar animado do melhor espirito para favonear aquella importante empresa litteraria. O paiz hade saber comprehendel-a e amparal-a. Os que puderem concorrer para ella, com illustrações e documentos não se denegarão a isso. Pela nossa parte não regateamos o pouco que possuímos.

Ha um manuscripto com o titulo de *Systema marcial asiatico, politico, historico, genealogico, analytico, e miscelanico; dedicado ao illustrissimo e excellentissimo senhor D. José Pedro da Camara, do conselho de sua magestade fidelissima, governador e capitão general do estado da In-*

*dia; Lisboa, anno de 1772*, que deve ser subsidio valioso para o trabalho projectado. Esta ali a historia moderna até áquelle anno, das armas lusitanas na India oriental; a noticia dos mais famosos portos da Asia; os planos e perspectivas das cidades e fortalezas; as guerras entre as armas britannicas, e hindas, etc.

E' da parte historica do inedito, que daremos hoje a seguinte curiosa amostra.

JOSÉ DE TORRES.

### DEMONSTRAÇÃO DE VARIOS SUCCESSOS DAS ARMAS LUSITANAS, MODERNAMENTE HAVIDOS NA INDIA ORIENTAL.

Depois de descrever as origens, e descendencias dos principes, e potentados da Asia, suas forças, maximas e costumes; tratarei agora dos modernos procedimentos das armas portuguezas, europeas, e asiaticas no mesmo oriente. Derrotados já os arabios nos repetidos combates navaes, com que orgulhosos incitavam aos portuguezes, e absolutamente dissuadidos de alcançarem completa victoria para satisfação de seus ambiciosos intentos, contra as nossas tão temidas, como respeitadas armas nos navegaveis mares da India, ficaram estas desfructando uma estimavel, e sempre apreciativa tranquillidade com aquella inimiga e inquietadora nação. A mesma harmonia conservaram com total isempção dos continuos assaltos do Hidalcan, e de seus descendentes, depois que saímos victoriosos do ultimo sitio que Nisam Maluc poz á cidade de Chaul, tão desejada n'este tempo dos potentados da Asia, como dos mesmos hollandezes por varios modos pretendida; hoje porém que se acha no dominio da potencia Maratá tem servido de graves prejuizos ao estado de Goa, por lhe faltarem os mantimentos, que d'ella, e da provincia do Norte lhe vinham, com o mais necessario, e juntamente por ficar suspenso o commercio de tanta utilidade ao estado.

Quantos favores do ceo não lograram nos tempos passados os portuguezes n'aquelle grande parte da Asia! E quam grandes castigos experimentam ha mais de um seculo, por se achar despida a capital de Goa de toda a sua pomposa gala, e invejado brio, com que não só conquistou reinos, e provincias, como prendeu soberanos, fez tributarios, deu leis, e finalmente em todos aquelles vastos paizes propagou a fe de Christo, que de vontade abraçaram os mesmos monarchas, submettendo debaixo dos pés a cega idolatria, que os guiava ao maior precipicio!

Aproveitando-se os hollandezes do tempo que Portugal vivia sujeito a Castella, conquistaram Ceylão, ilha muito fertil, e abundantissima de especiarias, e outros generos de commercio. Malaca, Negapatão, Cananor, e finalmente, depois da aclamação do senhor rei D. João IV de indelevel memoria, se fizeram senhores de muitas terras, e da cidade de Cochim. Tão util foi

a companhia d'esta nação á posse de seus domínios, que com os grandes lucros, que recebem, se tem feito tão opulentos em riquezas, quanto mostra o seu grosso commercio na Asia, e Europa.

Quantas vezes não foram restauradas do poder dos arabios as cidades de Bombaça e Paté, té que por fim, e culpa do governo de Alvaro Caetano, se veiu a perder, e com elle uma armada naval, que para restauração da primeira praça, tinha feito despedir o vice-rei, João de Saldanha da Gama, acabando sepultada no mar a flor da melhor nobreza da India. No anno de 1769 houve uma sublevação nos habitantes de Bombaça, e receosos de passar o seu dominio ao poder de um arabio tyranno, quizeram novamente submeter-se á corôa de Portugal, para o que alguns passos dirigiram, posto que baldados, por não chegarem ao ultimo termo de sua execução. De grande utilidade seriam estas duas cidades para o restabelecimento do commercio de Goa, que com esse sentido as conservaram os antigos portuguezes na costa da Arabia. No tempo presente ainda me parece facil a sua restauração havendo de se estabelecer novamente commercio na capital da India, proveitoso remedio para tornar a florescer. Se abrirem as portas ao commercio, será preciso que haja em Pangim um quartel ao menos para trezentos soldados, e se cuide muito em arruar as estradas da ilha para acudir com tropas e trem de artilharia a toda a hora.

Sem embargo de terem os engenheiros, e militares no presente seculo esgotado primorosamente os preceitos de suas artes, com plena satisfação de uma bem ordenada milicia, e descoberto a melhor forma de sitiarem praças, e reduzir-as (por mais fortes que sejam) ao ultimo vexame, por meio das novas invenções dos approxes, e fogos de artificios, que em breve intervallo de tempo se vêem prostrados por terra os seus soberbos, e bem fortificados muros, e derubados os interiores reparos de suas defesas; não deixam contudo os sitiadores de perderem muitas vezes o laborioso desvelo de sua applicação, por lhes obstarem as machinas novamente construidas para rebaterem os furiosos impulsos dos seus combatentes, com as quaes não só dilatam o sitio com diminuição de forças, mas também se vêem obrigados, perdida a esperança da victoria, a retrarem o sitio, desvanecidos de conseguirem os seus suspirados intentos.

Os petrechos, e munições de guerra são offensivas, e defensivas armas contra os inimigos; mas que importam todos estes marciaes apparatus? De que aproveita ser um cabo sobrado de valor, animar aos soldados, e bem experimentado nas occasiões dos conflictos, se lhe faltar o alimento corroborativo das forças, para sustentar o peso das armas, e melhor rebater os golpes da furia inimiga? A praça que nos ataques abundar d'estes tão precisos, como indispensaveis provimentos da guerra, com muita dif-

ficuldade se podera conquistar; pelo contrario, porém, rendida á discrição entregará as armas aos seus inimigos por falta da principal circumstancia dos necessarios mantimentos, cuja indigencia faz domar ainda aos mais ferozes irracionaes.

Muitos casos d'estes se tem visto no mundo, e modernamente acontecido na cidade de Pondichery, capital dos francezes no oriente, que se rendeu aos inglezes na epoca de 1760, não pelo sobrado esforço das suas armas, sim por falta de sustento para aquelles bravos defensores, que obrigados da grande penuria, chegaram por fim a alimentar as enfraquecidas vidas com gatos, cães, ratos, e outros animaes immundos. Estes desgraçados successos são infalliveis consequencias da pouca prevenção com que se portam os incumbidos do governo das praças. Ponderando o vice-rei Nuno da Cunha, que todas as ilhas do dominio de Goa, e provincias de Bardez e Salcete, não produziam em seus terrenos trigo e arroz com que sufficientemente se podesse manter aquella capital, independente de outras nações, projectou a conquista da provincia do Norte, para fazer d'esta celleiro de Goa. Assim o conseguiu com muita felicidade no anno de 1533. A esta prosperidade se seguiu logo outra da de Chaul, de não menor conveniencia para o intentado effeito.

Pelo tempo que se conservaram estes dois vastos e fertes paizes logrou a capital de Goa uma perfeita tranquillidade, sem que os asiaticos se atrevessem a formar idéas para a conquistarem, por se lhes representarem ainda vivas memorias das infructiferas diligencias do Hidalkan, Nisam Maluc, arabios, e hollandezes. A certeza de que Goa superabundava de mantimentos para sustentação do povo e seus defensores, bastava então para desvanecer quaesquer machinas que contra ella houvessem de fulminar os preocupados da inveja.

Pretendeu Bagyrão dilatar o dominio maratá, com a conquista d'esta capital, expulsando da India os portuguezes: ponderando porém esta empresa e propondo-se-lhe bastantemente difficil medir as armas com nação tão bellicosa, provida de todo o necessario, de que não podia esperar o appetecido triumpho, escolheu por bom partido privar a primeiro do alimento, impossibilitando-a d'este modo para sustentar um prolongado sitio; o que assim determinado, entrou no projecto de surprehender a provincia do Norte (como já o havia feito Sevagu, antigo rei de Satará) d'onde recebiam os portuguezes o mais preciso soccorro; mas prevendo o mau exito das suas armas, que lhe ameaçava o vigilante cuidado dos que a defendiam, e julgando que pela grande distancia das côrtes de Ponem, e Satará, se tornariam infructuosas todas as diligencias, assentou ultimamente aproximar-se á mesma provincia, para com mais cuidado esperar opportuna occasião no descuido de quem a commandasse: assim succedeu, pois sem outro algum mo-

tivo rompeu guerra aos navaitas, arabios de nação, refugiados em Galiana Beundim, visinhos à ilha de Salcete, da provincia do Norte, e com pouca resistencia conquistaram os maratás a praça do mesmo nome, lançando-os fora de todos os seus districtos, receosos da grande amisade que tratavam com os portuguezes.

Tão indispensavel se faz na guerra a boa cautela, e vigilancia de um general, que muitas vezes servem de forte escudo contra as industrias maximas do mais poderoso inimigo. Em duas occasiões commetteu Bagyrão a empresa da provincia do Norte, e de ambas ficaram frustradas as preparações, e despezas que para isso se haviam feito dos thesouros de Satará, por prevalecerem os vigilantes cuidados de D. Antonio Casco e Mello, e de Martinho da Silveira e Menezes, alentadissimos generaes d'aquella provincia, patriçios de assignalado esforço e conhecido valor, que com sobrada honra conseguiram as capitulações da paz com Xau Roza, rei de Satará. Occultamente favoreceram os inglezes todas as designações dos maratás, e para melhor testemunho de suas inclinações à corte de Satará, romperam guerra com a corôa de Portugal no anno de 1722 sendo então general da mesma provincia D. Antonio Casco e Mello.

As primeiras hostilidades, que se começaram a obrar com a continuação de tres mezes, té se concluirem as pazes, foram executadas pelos inglezes de Bombaim, a tempo, que Goa e Europa conservavam a antiga alliança entre os dois soberanos.

Toda a origem d'estas dissensões procedeu de quererem os inglezes dominar o rio de Banderá, sujeito ao dominio portuguez, e obrigar as nossas embarcações a pagarem á nova alfandega, estabelecida nas margens do mesmo rio, certa quantia taxada, redundando toda esta objecção em grave prejuizo dos habitadores da provincia, e ilha de Salcete.

O principal projecto que os obrigou á construcção d'esta pernicioso obra, inteiramente consiste na utilidade de seus commercios, e facilitar com o dominio d'aquella rio a premeditada empresa dos maratás; mas se n'esta parte não mereceram premio as suas interessadas idéas, em outra sempre o conseguiram muito á satisfação de seus desejos, como ao diante se verá.

Continua.

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTU DEDICADO AO ILL.<sup>mo</sup> SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Algarismo 9.

Continuação.

Nove reis houve, a contar de D. Affonso 1 até

D. Fernando 1, ao qual chegou ainda puro o sangue do conde D. Henrique.

D. Diniz, que foi o *sexto* rei dos 9, succedeu a seu pae D. Affonso *terceiro*, tendo de idade 19 annos, e recebeu-se em Trancoso com D. Isabel em 1289.

Com este o reino prospero florece  
(Alcançada já a paz prospera divina)  
Em constituições, leis, e costumes,  
Na terra já tranquilla, claros lumes.

De D. Diniz passando ao mestre d'Aviz (D. João 1), seguiu-se D. Duarte que morreu em Thomar a 9 ou 19 de Setembro (9.<sup>o</sup> mez do anno) em 1438: 38 que são os annos do seu seculo, faltam-lhe 9 para serem os da sua idade 47.

Não foi do rei Duarte tão ditoso  
O tempo, que ficou na summa alteza;  
Que assim vae alternando o tempo irroso  
O bem com o mal, o gosto co' a tristeza.

Depois de Diniz Deus não quiz que fosse 9.<sup>o</sup> rei D. Affonso, filho de D. João II. Já vimos como morren desastrosamente em Santarem, um anno depois de casado com D. Isabel, filha dos reis catholicos. Faltavam 9 dias para acabar Novembro de 1490 quando o duque de Beja D. Manuel, nomeado com outros grandes, foi receber na passagem do Caya a esta princeza, a qual se partira de Sevilha para ser conduzida a Évora, onde foi feito seu casamento com o infeliz principe.

D. Manuel veiu depois de rei a casar com esta mesma princeza, e só se lhe seguiram mais tres reis até ao cardeal D. Henrique, em quem terminou a linha masculina dos reis de Portugal, descendentes de D. Affonso Henriques.

Em 9 de Janeiro de 1580, não obstante conhecer o cardeal rei a repugnancia do povo ao governo castelhano, convocou as côrtes dos tres estados, em Almeirim, para obter d'elles a approvação da nomeação que tinha feito de seu successor em Philippe II. O clero foi o primeiro que deu a sua; a dos nobres, depois de debatida, venceu-se por um voto; mas os procuradores do povo, unanimes, negaram-lhe approvação. Febo Moniz, procurador de Lisboa, em nome dos povos, jurou a sua alteza, que os não entregasse a Castella; e abertamente declarou, que elle e outros que o seguiam susteriam o direito d'eleger soberano quando o throno, por sua morte, viesse a achar-se vago.

Remate d'estas coincidencias.

Tendo o leitor frescos em sua mente os factos que se acabam de memorar, vae maravilhar-se, como esperamos, ao ver a coincidencia que lhe fazemos descobrir entre as duas series de

reis que pertencem á linha Affonsina : uma de 8 soberanos começando com D. Affonso I ; outra, de outros tantos, começando, como abaixo se vê, por D. Fernando.

## 1.ª SERIE.

1. D. Affonso I.....	
2. D. Sancho I.....	1185
3. D. Affonso II.....	1211
4. D. Sancho II.....	1223
5. D. Affonso III.....	1248
6. D. Diniz.....	1279
7. D. Affonso IV.....	1325
8. D. Pedro I.....	1357

## 2.ª SERIE.

9. D. Fernando I.....	1367
10. D. João I.....	1385
11. D. Duarte.....	1433
12. D. Affonso V.....	1438
13. D. João II.....	1481
14. D. Manuel.....	1495
15. D. João III.....	1521
16. D. Sebastião.....	1578

17. Cardeal D. Henrique..... 1580.

Comparemos um, de uma serie, com o seu correspondente, na outra : o conde D. Henrique, com o cardeal do mesmo nome ; e

*D. Affonso I com D. Fernando I.*

No meio de dezeseite monarchas da linha masculina de Affonso I, temos D. Fernando I. Precedem-no 8 reis desde o conde D. Henrique ; e seguem-no outros tantos até ao cardeal D. Henrique. Figuram no principio da segunda serie duas irmãs, a rainha D. Leonor Telles, e sua irmã ; no principio da primeira serie, haviam tambem figurado duas, a rainha D. Tareja, e sua irmã D. Urraca. Ambas as rainhas, Tareja e Telles, soffreram pelos seus validos : o de Tareja, era um *conde* de Trastamara ; o de Leonor Telles, o *conde* de Andeiro. Aquelle conde chama-se *Fernando Peres* ; este era João *Fernandes* ; por conseguinte, aquelle, Fernando ; este, Fernandes.

O pae de D. Affonso I era um conde chamado Henrique, vencedor de 17 batalhas ; o ultimo successor de Affonso, um cardeal (dignidade ecclesiastica que se escreve com a mesma inicial), foi tambem Henrique, e 17.º monarcha da sua dynastia.

Affonso, succedendo a Henrique, conde, faz 7 condes prisioneiros na batalha de Valdevez, sua primeira peleja memoravel ; 7 são tambem os pretendores ao throno que se ergueu em Ourique, quando vagou pela morte de seu ultimo successor Henrique, cardeal. O conde Henrique teve um Egas Moniz, que soube salvar Affonso cercado em Guimarães ; tambem o cardeal teve um Febo Moniz, que procurou guardar-lhe o throno de ser occupado por successor castelhano.

Um Affonso, rei de Castella, dá a um D. Henrique, as primeiras terras de Portugal, e figura na doação o *matrimonio* de sua filha com o mesmo Henrique ; outro rei de Castella, cujo nome começa pela segunda letra do nome do primeiro (Filippe II), quer tomar a successão do ultimo Henrique, e compra o confessor d'este, fazendo que figure n'este negocio um individuo distincto pela *ordem*, a qual precede o ma-

*trimonio* na serie dos sacramentos. Continua-se a successão do conde D. Henrique, por um Henriques, *filho* ; acabou a do cardeal, pela intervenção de outro Henriques, *padre* (chamava-se o confessor Leão Henriques).

*D. Sancho I com D. João I.*

D. Sancho, era povoador : deixou duas vezes quatro filhos, e quatro filhas, as quaes foram povoadoras de outros tantos conventos. D. João I não seria tão bom povoador da memoria como o foi o terceiro, mas chamou-se de *boa* ; por isso talvez só trocasse as datas de proposito. Para tambem ser bom povoador da terra fez D. João I quatro casamentos ; e Filippe o *bom*, duque de Borgonha, instituiu a ordem do Tozão de oiro, mostrando ser genro do mestre de outra, educado pelo mestre da de Christo. Venceu D. João a batalha d'Aljubarrota, e edificou a batalha e mais quatro conventos, e quatro paços reaes. Era cavalleiro de mais uma quarta ordem — a Jarreteira ; e com este J, mais quatro JJ se lhe referem. Coincidem D. Sancho I e D. João I tambem nas datas de suas ascensões ao throno : um, em 1185, outro, em 1385, differindo exactamente dois seculos.

Continua.

Publicou-se o 3.º volume da *ENEIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos *Os dissipadores*, por Alfredo Hogan. — Preço 400 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, *STAMBUL*, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguem julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.